

**EDUARDO FRIEIRO** — Nasceu em Matias Barbosa (Minas) em 5 de julho de 1892. Concluindo o curso primário, ingressou na Imprensa Oficial como aprendiz de tipografo. Conquistou em concurso o lugar de revisor do "Minas Gerais", órgão oficial do Estado, passando a chefe de revisão, a redator e, por fim, a redator-secretário. Reconhecido que foram seus inegáveis dotes intelectuais, passou a ser o assistente técnico do diretor da Imprensa Oficial. Começou, entretanto, as lides jornalistas em 1924. Totalmente adverso a expansões ruidosas, fechando-se em silêncio, armazenava os estudos a que procedia com extraordinário zelo. Somente em 1925 é que aparecia o seu primeiro trabalho — "As artes do desenho em Minas Gerais".



**Eduardo Frieiro**

Novo Richardson das nossas letras, daí para cá não descansou. Sempre cuidadoso em tudo, vigilante nas próprias investigações, firmou numerosos trabalhos, que lhe atestam a finura do espirito, algo de Montaigne, iluminado de radiosa bondade, que não desce, nunca, a transigências equívocas. Publicou "O Clube dos Grafomancos" (1927), "O mameluco Boaventura", "Inquietude, melancolia" (ensaio), "O Brasileiro não é trinta", "A Ilusão Literária", "O Cabo das Tormentas", "Letras Mineiras" (coletânea de critica literária), "Os livros, nossos amigos", "O Diabo na livraria do Cônego", "Como era Gonzaga?" e, ultimamente,

"Páginas de critica". Alcançando, merecidamente, o título de doutor em letras néo-latinas pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, é de lá um dos catedráticos. Planejador da Biblioteca Pública de Minas Gerais, de que é diretor, está em plena atividade, cioso de prestar, como vem prestando, a sua preciosa contribuição a esse grande departamento cultural do Estado, em véspera de se tornar realidade. A bibliografia do academico é vasta e consta da pasta número 7, arquivada na Academia Mineira. Espirito brilhantissimo, dotado de invulgar capacidade de trabalho, dirigiu a "Revista da Academia Mineira", na fase nova. "Causeur" fino, servindo de ampla e cintilante cultura, mestre puro na extensão da própria palavra, pontualissimo e rigorosamente fiel nas incumbências que lhe são cometidas, é, acima de tudo, caráter a todo prova. Estimadissimo nos trabalhos da Academia, que dele se orgulha pelas excelsas qualidades morais e intelectuais, tornou-se nome nacional. Conhecedor profundo da literatura hispanico-americano, é, sem favor algum, autoridade respeitada em matéria literária. Sua vida é modelo perfeito de lutador que, começando modestamente, atin-

giu a justa e merecida notoriedade, muito embora se esconda, ainda, em modéstia e discrição, apanágio de seu caráter. Amigo generoso, afavel, não se afasta de superior linha normal, para se incluir entre os amigos de Platão, sem fugir dos planos da verdade.

(Coleção organizada por Martins de Oliveira)



# ACADEMIA MINEIRA

## DE LETRAS

Diário de Minas  
24-6-1956

CADEIRA N. 5 — Patrono  
AZEVEDO JUNIOR

**JOSÉ MARIA TEIXEIRA DE AZEVEDO JUNIOR** — Nasceu no Rio de Janeiro no dia 11 de dezembro de 1865 e faleceu em 30 de abril de 1909 na terra natal, em extrema pobreza, depois de quase vinte anos de atividade jornalística em Minas Gerais. Fez os seus estudos na Capital Federal,



Azevedo Junior

vindo para o Estado de Minas logo após a proclamação da República. Dotado de extraordinária vivacidade, combatente da primeira linha, dedicou-se ao jornalismo a vida inteira. Sem exagero algum, seu grande elogio, verdadeiramente, foi o de homem da imprensa. Colaborou em A Capital, em 1898. Nesse mesmo ano, foi redator de "Belo Horizonte". Fundou com Mendes Plimientel o "Diário de Minas". Fez-se proprietário e ao mesmo tempo diretor do "Jornal do Povo", com a colaboração de Mendes Plimientel, Artur Lobo, Batista Martins e Bento Ernesto Júnior. Foi a sua grande época de lutador desassombrado. Mudando-se para Juiz de Fora, assumiu a redação de "O Farel", dirigindo pouco depois uma revista, "A Comédia". Trabalhou no "Diário da Tarde", daquela cidade. Regressando à terra natal, foi convidado para redator do "Correio da Manhã". Declinando do convite, passou, entretanto, a colaborar no grande matutino, apesar de enfermidade. Faleceu poucos meses depois minado pela tuberculose. Em sinal de gratidão pelo muito que fez em prol de Minas, o povo mineiro ergueu na praça da Liberdade o seu busto de bronze. Amanajós de Araújo, que muito o admirava, escolheu-o para patrono de sua cadeira, desejoso de lhe eternizar o nome nos meios literários mineiros.

**AMANAJÓS DE ALCANTARA VILHENA DE ARAÚJO**. Fundador da cadeira n. 5. Nasceu em Pouso Alto em 7 de dezembro de 1880 e faleceu em 16 de julho de 1938 no Território do Acre, na cidade de Rio Branco, onde repousam seus restos mortais. Estudou humanidades em Baependi e formou-se em direito em S. Paulo, aos 21 anos de idade. Orador brilhante abriu a sua banca e advogado em Juiz de Fora. Analista, militou ao lado de Azevedo Junior em "O Farel". Nomeado promotor de justiça e depois juiz municipal de Muriaé, não aceitou os cargos. Deixando-se ficar em Juiz de Fora ingressou na política municipal, tendo sido eleito vereador à Câmara. Retirou-se para o Rio de Janeiro, onde exerceu o cargo de delegado de polícia. Retornando a Juiz de Fora, assumiu a direção do "Correio da Tarde". Quando se tratou da fundação da Academia, foi seu nome lembrado pelos intelectuais de Juiz de Fora. Passou imediatamente a trabalhar pela consolidação da ideia, discutindo estatutos. Publicou A



Amanajós de Araújo

Vida, Discursos, Jurista de real mérito, escreveu **Penas de morte, Crimes políticos e Socialismo de cátedra**, Contista, crítico literário, era considerado o Paula Ney Mineiro, em virtude de seu temperamento humorístico, muito alegre e até boêmio. Retirou-se para o Território do Acre, onde a morte o colheu. Foi casado com D. Eugênia Haifeld Fontainha, de quem houve quatro filhos: Maria Eugênia, Hugo, Celso e Mauro. Uma das irmãs de Amanajós afirma que o escritor não era mineiro, tendo nascido no Rio de Janeiro. Não há confirmação desse ponto. Ao que tudo indica, nasceu ele em Baependi.